Eleição deverá dar 31 caras novas ao Senado

BRASÍLIA — O Senado Federal poderá ganhar 31 novos nomes a partir de 1991. Somados aos 50 senadores eleitos em 1986 e que têm mandato até 1995, eles formarão a maior bancada que o Senado já teve desde que começou a funcionar, em 1826, no Império. O alto índice de renovação é previsto por seus próprios integrantes, como Jutahy Magalhães (PMDB-BA) e Marco Maciel (PFL-PE). Nas eleições deste ano, 25 senadores terão que se submeter às urnas novamente se quiserem repetir o mandato de oito anos. Outros seis virão dos mais novos estados da Federação — os antigos territórios de Amapá e Roraima, que elegerão cada um três senadores.

A impopularidade do político brasileiro, hoje, poderá ser a principal responsável pela renovação. "Os políticos atuais pagam o preço do desgaste", observa o senador Jutahy Magalhães, detentor de mais quatro anos de mandato. Além do reforço de prerrogativas concedido pela Constituição de 1988, os novos senadores terão a missão de fazer, junto com os deputados, a revisão do texto constitucional prevista para 1993. Para Marco Maciel, no entanto, o mais importante no momento é definir as regras das eleições deste ano. Já alertado pelo presidente do Tribunal Superior Eleitoral (TSE), ministro Francisco Rezek, o senador pernambucano quer votar logo a nova legislação eleitoral.

O futuro presidente Fernando Collor de Mello também influirá diretamente no processo eleitoral. Marco Maciel, que aderiu a Collor, aposta na "união nacional" proposta pelo sucessor eleito do presidente José Sarney. Jutahy Magalhães, que como adversário político do ministro das Comunicações, Antônio Carlos Magalhães, ficará na oposição ao novo governo, já critica Collor. "Ele até agora não disse a que veio. Por enquanto, ele representa uma volta ao passado", diz.

Candidatos - Apesar da indefinição do quadro partidário e da incognita que Collor representa como

presidente, alguns nomes já começam a se mexer no caminho das candidaturas. Waldir Pires, que deixou o governo baiano para se candidatar pelo PMDB, deve ir para o PDT e tentar a vaga que hoje pertence ao senador Luís Viana Filho (PMDB-BA). Com 82 anos, Viana não deverá disputar novo mandato de oito anos no Senado. Marco Maciel diz que disputará a reeleição, mas tem olho no governo do estado. Para ser candidato, no entanto, ele terá que enfrentar o prefeito de Recife, Joaquim Francisco.

No Maranhão, um dos inimigos de Sarney, senador João Castelo (PDS-MA), vai tentar o governo do estado, abrindo mão da reeleição. No Rio Grande do Sul, o senador Carlos Chiarelli (PFL-RS) terá de disputar com o ex-deputado Nelson Marchezan o apoio de Collor para o governo gaúcho. Se não tiver êxito, deverá concorrer a mais oito anos no Senado. Caso contrário, ele terá que contentar-se com mais oito anos no Senado.

Minas Gerais é outro estado complicado. O deputado Hélio Costa (PRN) e a vice-governadora Júnia Marise querem o lugar de Newton Cardoso, mas o ex-governador Hélio Garcia é quem pode sair candidato. Não conseguindo essa indicação para concorrer ao governo do estado, Hélio Garcia deverá disputar o lugar do senador Itamar Franco, vice de Collor.

Quatro governadores pretendem disputar vaga no Senado: Tarcisio Burity (PARAíba), Hélio Gueiros (PARÁ), Marcelo Miranda (Mato Grosso do SUL) e Álvaro Dias (Paraná). O senador e empresário Albano Franco (SE) não pretende voltar para o Congresso, preferindo o governo de seu estado. Em Santa Catarina, Jorge Bornhausén (PFL) deve tentar fazer o novo governador, mas vai ter que enfrentar o prefeito de Florianópolis, Esperidião Amin, que quer voltar ao governo do estado. O senador Roberto Campos (PDS-MT) também deve desistir do Senado, mas poderá continuar na atuação parlamentar com uma eleição fácil para a Câmara dos Deputados.